



WITTGENSTEIN ENTRE O PATO E A LEBRE: UMA CRÍTICA À LEITURA DE STEPHEN MULHALL AO PROBLEMA DA VISÃO DE ASPECTO

FILICIO MULINARI E SILVA ¹

RESUMO: Os comentários a respeito do “problema da visão de aspecto” constituem uma longa trajetória de existência nos comentários à filosofia wittgensteiniana. Todavia, um novo fôlego para a discussão foi obtido após a publicação dos manuscritos sobre a filosofia da psicologia na década de 1980 e 1990. No que diz respeito especificamente à visão de aspecto, a leitura de Stephen Mulhall, feita em seu livro *On Being in the World* (1990), promove um marco decisivo na retomada de análise da questão. Dito isso, o objetivo aqui é apresentar o problema da visão de aspecto e, sobretudo, realizar uma crítica à leitura de Mulhall sobre o tema, mantendo o foco especialmente em dois pontos: a) na sua proposta de estender a abrangência do conceito de “ver-como” (visão de aspecto) para todo tipo de ver; b) na tentativa de aproximar as investigações de Wittgenstein das propostas heideggerianas sem o devido cuidado de separações conceituais.

PALAVRAS-CHAVE: Wittgenstein; Mulhall; Visão de aspectos; Ver-como.

ABSTRACT: Lectures on the problem of “seeing aspects problem” constitute a long history in comments on Wittgensteinian philosophy. However, a new impetus for the discussion was obtained after the publication of the Wittgenstein’s manuscripts on the philosophy of psychology in the 1980s and 1990s. With regard specifically to the aspect view, the reading of Stephen Mulhall, present in his book *On Being in the World* (1990), promotes a decisive mark in the resumption of analysis of the issue. Wherefore, the objective here is to present the problem of the seeing aspects and, above all, to carry out a critique of Mulhall's reading on the subject, focusing especially on two points: a) on his proposal to extend the scope of the concept of “seeing-as” (aspect seeing) for all kinds of seeing; b) in an attempt to bring Wittgenstein's investigations closer to Heidegger's proposals without due care for conceptual separations.

KEYWORDS: Wittgenstein; Mulhall; Seeing aspects; Seeing-as.

Os comentários a respeito do problema da “visão de aspecto” (ou do “ver-como”) constituem uma longa trajetória de existência nos comentários à filosofia wittgensteiniana. Todavia, um “novo fôlego” para a discussão foi obtido após a publicação dos manuscritos e datiloscritos sobre a filosofia da psicologia na década de 1980 e 1990. No que diz respeito

¹ Professor de Filosofia do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com formação complementar pela Ludwig-Maximilians-Universität München (LMU). E-mail: filicio@gmail.com.

especificamente à visão de aspecto, a leitura de Stephen Mulhall, feita em seu livro *On Being in the World* (1990), promove um marco decisivo na retomada de análise da questão. Vários comentários sobre a visão de aspecto surgiram após seu trabalho de análise, seja para afirmar teses parecidas (vide O’Shaughnessy, 2012), seja para contrapor suas teses (vide Schroeder, 2010; Bax, 2011) ou, ainda, para apresentar uma leitura distinta para a questão (vide Schulte, 1993; Good, 2006; Dinishak, 2008). Por isso, o entendimento da interpretação oferecida por Mulhall é uma tarefa importante para a compreensão não só da recepção do problema do “ver-come” ao longo dos anos, mas também sobre a própria abrangência interpretativa do tema.

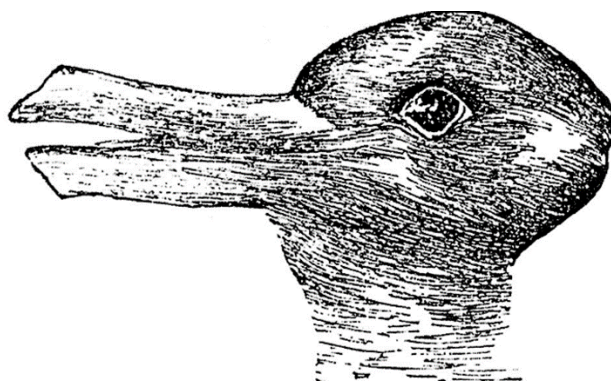
Dito isso, o objetivo aqui é apresentar o problema da visão de aspecto e, sobretudo, realizar uma crítica à leitura de Mulhall presente em seu livro *On Being in the World* (1990). Nossa crítica será focada especialmente em dois pontos: a) na sua proposta de estender a abrangência do conceito de “ver-come” (visão de aspecto) para todo tipo de ver; b) na tentativa, ainda que pontual, de aproximar as investigações de Wittgenstein das propostas heideggerianas sem o devido cuidado de separações conceituais relevantes para o caso.

1. O que é o problema da visão de aspecto, afinal?

A indagação de Wittgenstein sobre a visão de aspecto tem na seção XI da Parte II das *Investigações* o seu *locus classicus*. Encontramos ali uma exposição bastante complexa, do ponto de vista filosófico. Consequentemente, a dificuldade envolta na seção dá suporte a várias – e muitas vezes incompatíveis – interpretações a respeito do tema. Por exemplo, Stanley Cavell (1982) toma como certo que a interpretação é “[...] o tópico principal da seção principal do que aparece como a Parte II das *Investigações*” (CAVELL, 1982, p. 354). Para Jaakko e Merrill Hintikka (1996), entretanto, a discussão serve apenas como uma ilustração particularmente irônica do interesse geral de Wittgenstein, em seu trabalho posterior, mostrando como se pode falar sobre objetos fenomenológicos em uma linguagem fisicalista (HINTIKKA; HINTIKKA, 1996, p. 41). Por outro lado, Stephen Mulhall, responsável por escrever um dos poucos livros específicos sobre o tema da visão de aspecto em Wittgenstein, toma como ponto principal da Parte II da *Investigações* que todo o *ver* deve ser concebido como uma “percepção contínua do aspecto” (MULHALL, 1990), ou seja, como se toda visão fosse, em algum sentido, um “ver-come”, um modo interpretativo de ver as coisas. Esse leque de interpretações dissonantes a respeito do tema da visão de aspecto é reforçado ainda pela falta de clareza de Wittgenstein em

demonstrar qual era a finalidade da análise do tema em seus escritos.² Por isso, entender como o conceito de visão de aspecto é formulado em suas anotações é de importante antes de qualquer consideração a respeito do problema.

Embora o uso de Wittgenstein de “visão de aspectos” e seus cognatos (“ver-como”, “notar um aspecto”, “perceber uma mudança”, etc.) mostre que o conceito é usado como uma espécie de “conceito geral” ao qual várias experiências e vivências podem ser relacionadas, o filósofo é constante ao identificar a “visão de aspecto” como uma vivência de um duplo aspecto. É uma vivência em que percebemos que algo muda – como acontece diante de nossos olhos ou ouvidos – ainda que nada mude. Em outras palavras, é como se soubéssemos que a mudança não ocorre, por assim dizer, *no mundo*, mas em nós. A clássica imagem da figura pato-coelho nos serve aqui como exemplo. Afinal, na figura abaixo, vemos um “coelho” ou um “pato”?



Como a vivência da revelação de um aspecto é bastante similar à vivência da percepção característica de nossas interações com obras de arte, não é de surpreender que os filósofos da arte estivessem entre os primeiros leitores das *Investigações* a se interessarem pelas observações de Wittgenstein sobre a visão de aspectos. Logo, um dos pontos ágeis da discussão do tema foi em meados da década de 1950 e 1960, quando filósofos como Virgil Aldrich (1958) e Richard Wollheim (1968) – dentre outros – buscaram aplicar o material sobre a visão de aspectos à debates vinculados à área da estética.³ Porém, após a publicação dos manuscritos sobre filosofia

² Na única observação em que Wittgenstein se refere explicitamente ao significado filosófico da visão de aspecto presente em seus escritos sobre filosofia da psicologia, Wittgenstein questiona: “Qual é a importância filosófica desse fenômeno [*i.e.* ver-como]? É realmente muito mais estranho do que as experiências visuais cotidianas? Isso lança uma luz inesperada sobre eles?” Ao qual o filósofo responde: “Na sua descrição, [os] problemas sobre o conceito de ver são trazidos à mente” (*LWPPi*, §172)."

³ É importante dizer que o trabalho de Mulhall carrega a influência da leitura de Stanley Cavell, sobretudo da Parte IV de sua obra *The Claim of Reason* (1979), a respeito da importância da visão de aspectos para o problema de outras mentes e para o autoconhecimento. Nesse sentido, devemos dizer que o livro de Cavell foi o responsável – ainda que indireto – para a reavaliação das observações de Wittgenstein sobre a visão de aspectos após a década de 1990. Devemos acrescentar ainda que essa nova abordagem do problema da visão de aspecto não está separada do interesse nos modos pelos quais os aspectos se fundamentam na filosofia da arte. De fato, o desenvolvimento

da psicologia de Wittgenstein durante a década de 1980, as leituras sobre o tema ganharam novas direções de leitura. Vale dizer ainda que, após a publicação de *On Being in the World*, de Stephen Mulhall (1990), as observações sobre a visão de aspectos começaram a ser vistas como significativas para além de seu interesse exegético ou localizado na filosofia da arte e da mente.⁴

Obviamente, não há como negar que a discussão de Wittgenstein sobre a visão de aspectos auxilie no debate sobre o que fazemos em nossos juízos a respeito de obras de arte. Porém, tais considerações, em vez de serem direcionadas especificamente e unicamente para nossas apreciações estéticas, devem ajudar a ressaltar a importância da reflexão estética para o que Wittgenstein concebe como tarefa da filosofia.

Podemos dizer que as observações sobre a visão de aspecto de Wittgenstein mostram que a concepção de filosofia de Wittgenstein exige, não apenas um modo de ver, mas uma maneira de atender – e uma disposição para descobrir – os aspectos das coisas que são importantes para nós, seres humanos, mas que, por alguma razão somos levados a não dar a devida atenção. Conforme veremos no andar da leitura, a impressão emaranhada que o conceito de visão de aspecto nos oferece ao refletirmos sobre sua vivência específica não expõe nossa ignorância sobre algo como uma suposta “essência subjacente” ao conceito, mas nos torna conscientes da complexidade da gramática comum, principalmente a relacionada aos termos psicológicos.

2. A interpretação de Mulhall

Em seu livro *On Being in the World*, Mulhall afirma que o objetivo da discussão na seção XI da Parte II das *Investigações Filosóficas* é precisamente explicitar a tese de que toda visão comum é uma “percepção de contínua de aspecto”. Como ele argumenta, a importância filosófica do conceito de “visão contínua” deriva do fato de que ela:

[...] destaca um conjunto de relações que devem se manifestar em contextos diferentes daquele específico. Essa conclusão decorre do fato de que qualquer vivência particular de notar um aspecto, ao nos tornar conscientes de que podemos ver uma dada entidade como um novo tipo objeto, destaca o fato de que já estamos considerando como um tipo particular de objeto (MULHALL, 1990, p. 136.).

de Cavell do significado da visão de aspecto em *The Claim of Reason* é produto, em parte, de seus ensaios da década de 1960 sobre Wittgenstein e a estética, coletada no livro *Must We Mean What We Say?* (1969).

⁴ Daremos maior atenção à obra de Mulhall e sua interpretação no último capítulo desta tese.

Segundo a interpretação proposta por Mulhall, ao olharmos para uma pintura de paisagem tradicional, poderíamos vivenciar o surgimento de seus aspectos materiais: o que antes era uma nuvem aparece, de repente, “como uma pincelada” ou como um “borrão de tinta branca no céu”, sem qualquer conteúdo representacional. Expressando essa vivência, podemos dizer: “Estou vendo isso como uma pincelada agora” ou “Agora vejo um borrão de tinta”. Para Mulhall, a própria possibilidade de que a pintura possa surgir de repente em nós implica que nossa vivência da pintura já estava estruturada em termos de um conjunto de conceitos de aspecto, isto é, conceitos que determinam que tipo de objeto *isto que vejo* será considerado (MULHALL, 1990, p. 136). Mulhall leva esse fato para ilustrar uma relação universal entre conceitos, o mundo e a vivência do aspecto. O fato de que devemos estender o conceito de visão de aspecto para além do alcance normal do uso significativo é sugerido, seguindo Mulhall, por nossa capacidade ordinária de considerar as coisas como garantidas de modo perceptual.

Conceitos de aspecto são [...] qualquer conjunto de conceitos que determinam qualquer tipo de objeto, isto é, determinar o que é para um objeto ser um objeto de um determinado tipo. Se acrescentarmos a isso o fato de que quando pessoas – usuários de linguagem – percebem e encontrar objetos particulares, esses encontros envolverão necessariamente um conjunto de conceitos que determinam esses objetos como objetos de um tipo particular (caso contrário, não faria sentido descrever o que ocorre como, *e.g.*, alguém percebendo alguma coisa particular), segue-se que um estudo da percepção contínua do aspecto pode legitimamente ser visto como uma investigação filosófica das relações humanas com objetos ou fenômenos *em geral* (MULHALL, 1990, p. 137).

A interpretação de Mulhall é dirigida, segundo reitera o comentador, contra a ideia empirista clássica de que não percebemos diretamente objetos, mas apenas dados sensoriais. De fato, Mulhall está correto nesse ponto: Wittgenstein argumenta em seus escritos que a descrição do que vemos em termos de aspectos não pode ser analisada ou traduzida em descrições referentes somente às propriedades materiais dos objetos de visão, por exemplo, como cor, forma ou intensidade de luz. Todavia, o ponto em que Mulhall se equivoca é ao interpretar a crítica de Wittgenstein a essa imagem filosófica particular como sendo uma afirmação de uma outra imagem filosófica radicalmente oposta. De acordo com a interpretação de Mulhall, não só faz sentido dizer de alguém, em circunstâncias normais, que ele está vendo a pintura *como* uma pintura, como de fato *veríamos-como* sempre. Para ele, a visão se dá assim em todos os casos, como se todo o “ver” fosse, em algum sentido, um “ver-como” – teríamos

uma “visão de aspectos *contínua*”.⁵ Para dar corpo a sua ideia, Mulhall argumenta contra a ideia de que encontramos as coisas como “exemplos de objetos em geral”:

As coisas que percebo diretamente em minha escrivania são livros, envelopes contendo letras que consistem em palavras e frases, uma fotografia de grupo, uma lâmpada, uma caneta e uma régua; elas não são mais imediatamente encontradas simplesmente como objetos materiais de cores e formas variadas. (MULHALL, 1990, p. 132).

Apesar da contra argumentação de Mulhall, cabe o questionamento: é mesmo falso dizer que encontramos as coisas como “de objetos de cores e formas variadas”? Não fazemos isso normalmente em nosso dia a dia? Mulhall não se preocupa em dar sentido à ideia de ver as coisas *como* exemplos de “objetos variados”, mas sim em argumentar que essa ideia não é verdadeira. Noutros termos, ele se preocupa em dizer que a tese sobre a relação entre a mente e o mundo dada por meio de uma percepção direta dos objetos é falsa. Mas se nenhum sentido ainda foi dado à ideia de encontrar objetos puros em sua objetividade, então não podemos dar nenhum sentido também à negação dessa ideia.

Mulhall argumenta que nossos “encontros com as coisas” necessariamente envolvem um conjunto de conceitos que determinam essas coisas como objetos de um tipo particular. Como ele diz, se não fosse assim, não faria sentido falar de percepção particular de alguém (Mulhall, 1990, p. 132.). Consequentemente, se todas as visões comuns não fossem contínuas, poderíamos apenas falar de alguém vendo as coisas como “exemplos de objetos em geral”, talvez como vendo as imagens como arranjos de cor e forma. Todavia, o fato de que faz sentido falar de alguém percebendo um tipo particular de coisa depende de muitos eventos. Este fato não é explicado, nem os usos ordinários de “perceber” e “ver” justificados, ao se hipostasiar uma vivência humana específica de forma generalizada em relação ao mundo. Poderia fazer sentido falar de alguém como percebendo uma coisa particular, ou percebendo o objeto como um “vejo isso assim...”, mas essas expressões só teriam sentido se encontrássemos um uso para elas, se imaginássemos uma ocasião na qual seria importante que usássemos essa expressão em vez de outra qualquer.

Além da generalização – ao nosso ver, indevida –, Mulhall enfatiza em sua interpretação que, quando ele fala do modo geral como encontramos objetos no mundo, nenhuma afirmação metafísica estaria sendo feita. Essa visão decorre em grande parte de sua ideia de que a

⁵ A leitura de Mulhall sobre a visão de aspectos possui vários adeptos, sejam eles conscientes dessa influência ou não. Um deles é O'Shaughnessy (2012), para quem até mesmo a visão cotidiana de um garfo, por exemplo, envolveria o “ver o garfo como um garfo”, embora ele mesmo note que o próprio Wittgenstein talvez não estivesse preparado para ir tão longe em sua leitura a respeito dos aspectos.

abordagem de Wittgenstein à filosofia “pressupõe que as investigações filosóficas são sempre e somente investigações gramaticais” (Mulhall, 1990, p. 144.). As declarações metafísicas decorreriam de uma confusão conceitual gerada principalmente quando uma afirmação sobre a gramática de um conceito é tomada para afirmar algo sobre a realidade extralinguística. Desse modo, Mulhall critica o discurso de Heidegger na obra *Ser e Tempo*, principalmente por abordar a natureza dos conceitos de aspecto sob uma análise gramatical (Mulhall, 1990, p. 142). Porém, ainda que o autor reitere essa preocupação (vide Mulhall, 1990, p. 143), não é de todo claro que ele cuide adequadamente de suas próprias advertências metodológicas contra os pronunciamentos metafísicos que busca evitar.

Dizer que ver uma pintura “envolve necessariamente um conjunto de conceitos que definem a pintura como um tipo particular de objeto” parece suspeitamente dizer que perceber uma pintura pressupõe um conceito de “pintura que estou vendo”. Ou seja, parece que Mulhall está simplesmente chamando a atenção para o fato de que atribuir a alguém a vivência de ver uma pintura, em vez de, por exemplo, ver apenas um pedaço de tela na parede coberta de tinta, envolve um conceito prévio de pintura. Obviamente, podemos chamar essa exposição de uma verdade conceitual ou gramatical e a importância de destacá-lo, como Mulhall argumenta, seja a de refutar a visão empirista clássica de que o que realmente vemos são *sense-data*. No entanto, ir além disso, interpretando esse fato gramatical como nos mostrando algo sobre nossa relação com o mundo em geral, parece comprometer a interpretação de Mulhall com a mesma metafísica que ele acusa a Heidegger de sucumbir.

Não é o caráter do modo como nos relacionamos com as coisas no mundo que explica ou justifica a maneira como expressamos nossas vivências da percepção de aspecto. Não há maiores justificativa para esses modos de expressão do que para as regras do xadrez, por exemplo. A visão interpretativa da percepção erra precisamente ao pressupor que as expressões comuns não são justificadas como relatos do que é realmente visto (ou seja, *sense data* ou “pedaços de coisas do mundo”). Mas considerar essa crítica como reveladora de uma relação geral da mente com as coisas do mundo é ir mais além, sobretudo ao assumir essa relação com as coisas para justificar nossas maneiras de expressar nossa vivência. Se essa é a relação com as coisas, então outras formas de nos expressarmos não seriam justificadas. Porém, como já dissemos, tentar encontrar uma base mais profunda na realidade para o modo como falamos é simplesmente cair na num discurso metafísico, no sentido pejorativo dado por Wittgenstein: é confundir a necessidade de ver as coisas *de uma certa maneira* para a necessidade de ver a *natureza* das coisas.

É relevante mencionar que esses problemas na interpretação de Mulhall não questionam todos os méritos filosóficos de sua interpretação. Obviamente, há algo de valioso em seus comentários, sobretudo sua tentativa de encontrar um ponto de contato entre o trabalho de Wittgenstein sobre a gramática dos conceitos psicológicos e pensadores importantes de outras tradições filosóficas, em particular, Heidegger, que parece abordar questões similares em algumas de suas obras iniciais.⁶ Todavia, a interpretação de Mulhall, embora seja um começo frutífero para um possível diálogo entre duas tradições distintas da filosofia contemporânea, acaba por distorcer o caráter de suas respectivas abordagens no esforço de garantir um terreno neutro para o diálogo.⁷

Por um lado, é enganoso ler a analítica do *Dasein* como uma hipótese explicativa para a prontidão das entidades imediatas do ser-no-mundo [*In-der-Welt-sein*] cotidiano. Todo o exercício é iniciado como uma tentativa de responder à questão do Ser e, por sua vez, à questão do ser do *Dasein*. Como aplicação do método da fenomenologia hermenêutica, essa análise não pretende a princípio ser uma hipótese metafísica, mas uma descrição fenomenológica. Porém, a ideia de uma estrutura ontológica fundamental é, naturalmente, alheia aos escritos de Wittgenstein, o que faz com que grandes dificuldades surjam ao tentar se estabelecer uma base neutra de diálogo entre os filósofos.

Por outro lado, há perigos na tentativa de localizar Wittgenstein no mapa de Heidegger. Enquanto Mulhall acusa Heidegger de construir “estruturas metafísicas extravagantes” [*baroque metaphysical structures*] (Mulhall, 1990, p. 143), seus próprios comentários sobre as

⁶ Em um esboço inicial daquilo que viria a ser a obra *Ser e Tempo*, lemos uma passagem que mostra uma aparente proximidade temática entre Heidegger e Wittgenstein no que diz respeito à pluralidade não-reducionista do conceito de visão: “Quando dizemos “nós vemos”, “ver” aqui não é entendido no sentido estrito da percepção ótica. Aqui não significa nada além de 'simples conhecimento do que é encontrado'. Quando nos apegamos a essa expressão, então também entendemos e não temos dificuldade em aceitar o dado imediatamente assim como ele se mostra. Assim, dizemos que vemos na própria cadeira que ela veio de uma fábrica. Não tiramos conclusões, não fazemos investigações, mas simplesmente vemos isso nela, embora não temos a sensação de uma fábrica ou algo parecido. O campo do que é encontrado na simples cognição é, em princípio, muito mais amplo do que qualquer epistemologia ou psicologia particular poderia estabelecer com base em uma teoria da percepção” (HEIDEGGER, 1992, p. 39).

⁷ Para Mulhall, uma semelhança óbvia entre as abordagens de Wittgenstein e Heidegger tem a ver com o holismo de significado, uma vez que ambos os pensadores entendem que as condições de individuação para o significado são compreendidas por um contexto mais abrangente. Todavia, há fortes dificuldades em comparar as abordagens de ambos os filósofos sobre esse ponto. Wittgenstein argumenta que você deve compreender distintas formas de vida para entender uma sentença em uma linguagem; Heidegger, por sua vez, argumenta que a viabilidade de um objeto da percepção pressupõe estruturas fenomenologicamente *a priori* do ser como elementos da unidade temporal do *Dasein*. Como Mulhall vê, os fenômenos abordados por uma investigação gramatical na visão de aspecto contínuo são os mesmos fenômenos que são concebidos por Heidegger em termos existencial-ontológicos, como expressivos de um modo de ser do *Dasein*. Ao defender a abordagem de Wittgenstein, Mulhall argumenta que a abordagem de Heidegger pode ser derrubada por uma aplicação da navalha de Ockham: “as características das relações humanas com objetos que isolamos não requerem a verdade da doutrina metafísica [de Heidegger] para serem explicadas (Mulhall, 1990, p. 144.).

investigações gramaticais de Wittgenstein a respeito da visão de aspecto soam bastante metafísicos, para não dizer igualmente barrocos. Isto é mais evidente em sua caracterização dos fenômenos da visão contínua de aspecto como sendo uma relação universal entre a consciência humana e o mundo. Sua desconsideração pelos critérios estabelecidos para distinguir entre “ver” e “um ver-como contínuo” feitos por Wittgenstein ao longo de seus manuscritos fundamentam a ideia de um excesso metafísico de Wittgenstein como nos dizendo como as coisas *devem ser* na prática. Porém, falar sobre formas fundamentais de comportamento para o mundo é um anátema para o espírito da filosofia de Wittgenstein. Afinal, devemos deixar o uso das palavras nos *ensinarem* o seu significado e não pressupô-los previamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAX, Chantal. *Subjectivity after Wittgenstein: the post-Cartesian subject and the “death of man”*. New York: Continuum International Publishing Group, 2011.

DINISHAK, Janette. *Wittgenstein and Köhler on Seeing and Seeing Aspects: A Comparative Study*. Toronto: University of Toronto, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *History of the concept of time. Prolegomena*. Translated by Theodore Kisiel. Indiana University Press. 1992.

GOOD, Justin. *Wittgenstein and theory of perception*. Continuum: New York, 2006.

MULLHAL, Stephen. *On being in the World: Wittgenstein and Heidegger on seeing aspects*. New York: Routledge, 1990.

O'SHAUGHNESSY, Brian. Seeing an Aspect and Seeing under an Aspect. In: ELLIS, J.; GUEVARA, D. *Wittgenstein and the Philosophy of Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SCHROEDER, Severin. A Tale of two problems: Wittgenstein's discussion of aspect perception. In: COTTINGHAM, J.; HACKER, P.M.S. (eds.) *Mind, method and morality: essays in honor of Anthony Kenny*. Oxford: Oxford University Press, 2010. pp. 352-371

SCHULTE, Joachim. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Wittgenstein's Nachlass*. The Bergen Electronic Edition. Bergen: OUP, 2000.

_____. *Philosophische Untersuchungen: Kritisch-genetisch Edition*. Notas de SCHULTE, Joachim; NYMAN, Heikki; von SAVIGNY, Eike; von WRIGHT, G. H. Ed. Surkhamp, 2001

_____. Philosophy of Psychology – A Fragment. in: *Philosophical Investigations*. Trad. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker e Joachim Schulte. 4ªEd. Oxford: Ed. John Willey & Sons [Blackwell Publishing], 2009.

_____. *Philosophical Investigations*. Trad. G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker e Joachim Schulte. 4ªEd. Oxford: Ed. John Willey & Sons [Blackwell Publishing], 2009.

_____. *Remarks on the Philosophy of Psychology*. vol. I., ed. G.E.M. Anscombe and G.H. von Wright. Trad. G.E.M. Anscombe. Oxford; Blackwell, 1980.

_____. *Remarks on the Philosophy of Psychology*. vol. II., ed. G.E.M. Anscombe and H. Nyman. Trad. C. Luckhardt e M. Aue. Oxford; Blackwell, 1983.

_____. *Last Writings on the Philosophy of Psychology*. vol. I., ed. G.H. von Wright and H. Nyman. Trad. C. Luckhardt e M. Aue. Oxford; Blackwell, 1982.

_____. *Last Writings on the Philosophy of Psychology*. vol. II1990 ed. G.H. von Wright and H. Nyman. Trad. C. Luckhardt e M. Aue. Oxford; Blackwell, 1993.